

RESENHA



FRANCISCO SILVA NOELLI**, MARIANNE SALLUM***

CASIMIRO, Tânia Manuel; SEQUEIRA, João Luís (coord.). *Arqueologia Contemporânea em Portugal – séculos XIX e XX*. Oeiras: Mazu Press, 2020. 162 p.

A “Arqueologia Contemporânea em Portugal” é uma linha de pesquisa em construção, tal como definem Casimiro e Sequeira, abrangendo um período longo, desde 1780 até os dias atuais. Fora de Portugal, ela vem sendo aceita por financiadores de projetos, eventos científicos e publicações de alto nível, revelando a internacionalização de uma proposta fundamentada apropriadamente. Evidentemente, a definição não é considerada a ideal pelos proponentes, concebida para oferecer uma mensagem com exemplos sobre como analisar grupos “distintos, complexos e diferenciados, juntando debaixo da mesma denominação tempos tão díspares” em termos sociais, culturais, tecnológicos, econômicos e políticos, assumindo, tal como González-Ruibal, “tanto sobre transformação e mudança como é sobre duração e acumulação” para apreender a longa duração das multitemporalidades de diferentes ontologias. Ao abordar assim, Casimiro e Sequeira querem perceber mais estrategicamente as consequências de processos naturais e antrópicos, internos e globais, causadores de, por exemplo,

* Recebido em: 00.00.20120 Aprovado em: 00.00.2020.

** Arqueólogo. Doutorando em Arqueologia, Bolsista FCT e Pesquisador no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), Portugal. *E-mail*: francisconoelli@edu.ulisboa.pt

*** Arqueóloga e arte-educadora. Pós-doutoranda (Bolsista FAPESP) do Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas em Evolução, Cultura e Meio Ambiente (LEVOC) do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil e Pesquisadora no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ), Portugal. *E-mail*: marisallum@usp.br

migrações humanas, desigualdades e transformações sociais em um país em constante mutação, incluindo aí os efeitos do colonialismo e da descolonização, problemas econômicos e clivagens políticas. Ao propor começar em 1780, combinam várias percepções, mas sem hierarquizá-las: 1) um recorte cronológico que libera das amarras de rupturas sócio-políticas, como o ano 1789 e a tradicional marca da Revolução Francesa; 2) coincidência com o que se convencionou considerar como o final da Arqueologia [da Era] Moderna; 3) se diferencia da concepção norte-americana de *Historical Archaeology*, que inicia com a travessia do Atlântico feita pelos europeus, em 1492; 4) se distingue da concepção inglesa da *Post-Medieval Archaeology*, que abrange desde o fim da Idade Média até a contemporaneidade; 5) também é mais ampla que o tempo da *Contemporary Archaeology*, dedicado aos períodos mais recentes, especialmente pós 1900. E mencionam possibilidades de divisões adotadas em outros países, mas que desconhecem pela barreira linguística.

O foco é Portugal, mas o objetivo não se pretende “eurocêntrico”. Se procura o viés globalizante para dialogar com as diferentes ontologias que compõem as sociedades contemporâneas. Eles consideram, como o *European Archaeological Association*, que o “registro material diz-nos que existe apenas uma humanidade e essa humanidade foi sempre extraordinariamente diversa nas suas formas de expressão cultural e organização social”, fundamento para uma concepção que recusa rotular sociedades e seus membros através da sua economia ou tecnologia. E muitos casos, a proximidade dos eventos implica no reconhecimento de pessoas e suas memórias, em paralelo com documentos, contextos e materialidades, com impacto social na atualidade, ainda mais em um país que colonizou por séculos outros povos e que há pouco tempo saiu de uma longa ditadura cuja mensagem política ainda “subsiste nas materialidades urbanas rurais”. Citando Rui Gomes Coelho e Xurxo Ayán Vila, os coordenadores do livro defendem que a Arqueologia Contemporânea “não deve servir apenas para documentar cultura material e narrar a vida quotidiana de quem viveu no passado recente. Pelo contrário, deve ser assumida como uma ferramenta descolonizadora do espaço público”.

Em termos gerais, a “Arqueologia Contemporânea em Portugal” dedicou-se a certas temáticas, mais restritas a contextos náuticos, industriais e militares. Porém, conforme Casimiro e Sequeira, o “mesmo não pode ser afirmado relativamente aos contextos domésticos, sobretudo em meio urbano, pois a quase ausência de publicações é uma expressão deste despreço sobre os contextos mais recentes”. Ao defenderem que as sociedades e seus membros movem-se em ritmos e durações diferentes, eles adotam um pressuposto internacionalmente aceito na Arqueologia e nas demais Humanidades. Contudo, em Portugal, tal perspectiva não é isenta de debate acadêmico sobre o âmbito e a cronologia, como no caso daqueles que defendem a arqueologia do século XIX como “intrinsecamente industrial”. Para Casimiro e Sequeira, trata-se de uma visão essencialmente urbana e, “sobretudo, demasiado eurocêntrica”, que desconsidera a longa duração de práticas e tecnologias tradicionais mesmo em sítios urbanos como Lisboa, que deveriam ser considerados sob “multitemporalidades”.

O livro não é um manual, nem “explica como se reconhecem ou estudam contextos contemporâneos”. Os autores dos diversos capítulos adotaram modelos diversos de análise, adequados aos seus contextos de investigação. O espírito que anima a proposição da linha de pesquisa de Casimiro e Sequeira não procura a “standartização

quer da prática, quer da interpretação arqueológica”, pois eles acreditam que “o maior inimigo da criatividade é a uniformização”.

Os capítulos mostram pesquisas sobre a arqueologia do cotidiano, a maioria em sítios escavados a partir de obras, revelando como contextos contemporâneos “estão longe de ser o apetecíveis no desenvolvimento de projetos de investigação”. De fato, os seis capítulos representam uma amostra da alta qualidade alcançada em trabalhos contratados durante a remodelação de locais ou na construção de estradas, servindo como um meio de acesso à formação daqueles que pretendem ser arqueólogos, mas não encontram lugar profissional nas escassas vagas acadêmicas.

Alguns temas inéditos emergem na Arqueologia da Contemporaneidade de Portugal, como a “pobreza” e a desigualdade, cujos contextos são difíceis de serem apreendidos pela ausência de evidências. Ou o contrário, um contexto que *a priori* se considerava “pobre”, revelou através da sua escavação registros materiais que contestaram a noção automática de que certas comunidades estariam fadadas à miséria material. Outros confirmam o que era esperado, que sítios de classe média teriam acesso a objetos de diversas partes do mundo e o registro de bens usados por longos períodos. Ou um falanstério na linha de ideológica de Charles Fourier, único em Portugal, construído por um mecenas que pretendia estabelecer uma aldeia comunitária modelo, autônoma de tipo cooperativo, durou apenas cerca de 50 anos. Um outro sítio do centro de Lisboa revela uma rede de comércio bem estabelecida com o norte da Europa, durando aproximadamente 70 anos. Por fim, como abordar o impacto do acesso e aumento do consumo de uma variada materialidade produzida com a industrialização nacional na segunda metade do século XIX e começo do XX? E como considerar aqueles sítios em meio a esse incremento que não mostram tal acesso, mas ao contrário, revelam cenários que não permitiam o consumo de “mais do que o necessário”?

A importância do livro não se restringe a mostrar contextos diversos e a descrever os seus registros. Ele oferece novas possibilidades para analisar e interpretar aspectos do passado, deixando de lado a mera acumulação de empirias que a nada conduz. A “Arqueologia da Contemporaneidade em Portugal” possui temas, problemas e interpretações para serem desenvolvidos entrelaçados com objetivos teóricos precisos. A contemporaneidade oferece uma oportunidade ímpar para conhecer mais detidamente quem foram os personagens de sua época, vistos a partir de registros diversos, muito além dos arqueológicos. Também permite a perspectiva interdisciplinar e os benefícios da ecologia dos conhecimentos, ampliando o efeito da análise por várias disciplinas acadêmicas em diálogo com múltiplas ontologias do passado e do presente.